

Generatividade: Questões de Desenvolvimento e de Intervenção Psicológica

Maria Emilia Costa¹

Eu sou o que de mim sobreviver, o que fiz, o que criei, o que dei, transformei, sou finalmente a herança do meu self que deixo aos mais novos. É assim que Erikson define generatividade. Esta tarefa de desenvolvimento parece ter implicações importantes no bem estar psicológico do indivíduo, mas também no desenvolvimento psicológico das gerações seguintes. No entanto, só recentemente, a literatura científica se debruçou sobre este conceito complexo e multifacetado com implicações profundas a nível psicológico e social. Pelo que, é objectivo deste artigo reflectir sobre os significados, narrativas, motivações e manifestações da generatividade, bem como do seu desenvolvimento e implicações no indivíduo, na família, na sociedade e na cultura e, finalmente, das suas implicações para a intervenção psicológica.

O amor é o laboratório psicológico para o desenvolvimento da generatividade e nodal em todos os períodos da vida, tomando, no entanto, formas e objectos diferentes; desde a vinculação da criança com as suas figuras significativas, passando pelo amor romântico na adolescência e juventude até ao amor que contribui para o crescimento dos mais novos. São as experiências de amor que fortalecem o *ego* e que permitem novas estruturas ao longo de ciclo de vida, numa continuidade de vivências e identidades que transformam as necessidades e motivações do ser humano. Segundo Erikson (1985) o sentido de uma identidade generativa expressa-se da seguinte forma: 'eu sou o que de mim sobreviver, o que fiz, o que criei, o que dei, transformei, sou finalmente a herança do meu *self* que deixo aos mais novos. Sendo assim, para falar de generatividade temos de falar de desenvolvimento, de diferentes gerações, de histórias de vida, de diferentes formas de expressão desta identidade generativa.

Do ponto de vista de Erikson (1985) a forma mais recompensadora da generatividade estaria associada à parentalidade, no entanto, não se restringe a ela. Pode expressar-se nos

mais diferentes objectivos de vida e contextos; de facto, a generatividade está associada a conceitos como criatividade, produtividade, solidariedade, liderança, de que são exemplos os trabalhos psicobiográficos do autor sobre as vidas de Ghandhi e Martin Luther.

Do ponto de vista psicológico a generatividade é experienciada como um desejo e uma necessidade cujo investimento conduz ao sentimento de bem estar psicológico do adulto e dos mais novos. Do ponto de vista social e cultural é uma fonte de contributos para a mudança social, e de continuidade de uma identidade socio-cultural que funcionam como alicerces para o desenvolvimento e bem estar da geração seguinte. Em suma, todo o indivíduo tem necessidade de encontrar um sentido ou significado para a vida, e este está naturalmente ligado ao que fomos, ao que somos, e à forma como preparamos o futuro, o nosso e o das gerações seguintes.

Assim, a generatividade, quer como fenómeno psicológico quer como preocupação social, é um conceito rico e multifacetado que tem implicações importantes para o desenvolvimento do adulto, para o seu bem estar, para o desenvolvimento das gerações seguintes, para o funcionamento da família e da sociedade e logicamente para a intervenção psicológica. Contudo e apesar da sua riqueza teórica e a sua relevância psicológica e social a generatividade não foi objecto de estudo da

¹ Professora Associada com Agregação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Presidente do Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento.

comunidade científica até à última década, originando, desde então, algumas investigações e reflexões sobre o seu significado e manifestações.

Para Erikson (1985), a generatividade é inúmeras coisas, é uma energia instintiva, uma necessidade, uma motivação, uma tarefa psicológica, um traço, um estágio de desenvolvimento e um critério de adaptação e maturidade; referindo, mesmo, que este dilema generatividade/estagnação é, sem dúvida, o mais importante de todo o ciclo de vida, na medida em que tem implicações não apenas para o indivíduo, para a sociedade em geral e em particular para os jovens, em relação a quem o adulto tem acções generativas.

Esta tarefa desenvolvimental, como todas as outras, tem o seu início na infância e cada momento do desenvolvimento contribui de forma específica para a sua estruturação, para a construção de sentidos e significados de vida. Sentido este encontrado na contribuição de cada indivíduo para o desenvolvimento e bem estar daqueles que o seguirão. De facto, esquecemos, frequentemente, que os mais novos são confrontados com a sociedade e o mundo que os mais velhos construíram e lhe deixaram. Isto é, o indivíduo que não desenvolveu um sentido de confiança em si e nos outros, um sentimento de iniciativa, de autonomia, de capacidade para produzir coisas com perseverança e auto-reconhecimento das suas potencialidades e, de se fazer reconhecer pelos outros, que não desenvolveu um sentido de identidade que vai partilhar numa relação de intimidade sem medo de perder a sua unicidade e singularidade, este indivíduo terá dificuldade em se descentrar de si próprio, em sentir o prazer da realização e construção, os afectos, as emoções, o prazer, a flexibilidade, a criatividade têm que ser reprimidos, a sua incapacidade de se colocar no lugar do outro impede-o de relações generativas, assumindo mais frequentemente atitudes de autoritarismo como forma de luta pelo poder porque através dele nega o seu sentido de estagnação.

McAdams e de St. Aubin (1992) falam-nos de um modelo explicativo da generatividade como constructo com diferentes elementos: Elementos motivacionais de que fazem parte os pedidos e normas socioculturais, bem como

o desejo simbólico de imortalidade e a necessidade de que precisem de nós, de sermos úteis. Estes elementos contribuem para a preocupação genuína com a geração seguinte, idealmente reforçada pela crença num mundo melhor e por um investimento que produz acção integrada numa narrativa de generatividade.

Esta narrativa faz parte de uma narrativa mais alargada de vida, que dá sentido à nossa identidade. No fundo, a nossa história de vida é também um legado de generatividade, ela é criada, mantida e por vezes oferecida aos outros como uma lição, uma reflexão (Maruna, 1997). As histórias de vida partilhadas na família, e numa cultura contribuem para a construção de uma identidade individual, familiar e cultural que permite um sentido de singularidade, pertença e continuidade tão necessários ao bem estar psicológico do indivíduo. Quem trabalha com famílias, ou mesmo em psicoterapia individual percebe a importância destas narrativas de vida e como elas contribuem para o desenvolvimento de uma identidade do eu e do nós, e como quando estas narrativas são falseadas pela necessidade de exteriorizar um *self* idealizado, impedem a progressão para a consolidação do *self* e do *self* com os outros, isto é, interferem no processo de desenvolvimento.

A generatividade é uma história de vida da identidade adulta, cujo *script* especifica o que projecta fazer no futuro que ficará como um legado do seu *self* para a próxima geração. Sendo este *script* uma narrativa interior da consciência adulta, da forma como os seus esforços estão de acordo com a sua história de vida e com as expectativas sociais e culturais do contexto em que está inserido, ele é o produto do balanço dinâmico entre o sentido de generatividade e estagnação.

Este *script* muda ao longo do ciclo de vida dirigindo-se para a procura de um sentido de identidade e de intimidade com uma finalidade de criação e, como refere Erikson, "eu sou o que de mim sobreviver". Esta narrativa validada socialmente reforça o sentido de identidade e do *self* como produtor, criador com um fim justificado, que por si só pode ser promotor de novos começos. Esta narrativa interiorizada integra um passado reconstruído, um presente percebido e a antecipação de um

futuro que permite o sentido simbólico de imortalidade, através do amor vivido, do amor proporcional à satisfação percebida.

Este sentido e desejo de imortalidade simbólica, funciona também como uma redução do medo da morte, como facilitador da aceitação das limitações impostas pela morte, porque a morte é um facto, e o que se deixa morrer mais cedo ou mais tarde, mas o que sobreviver a mim teve a minha contribuição e portanto, eu continuo a viver através daqueles que beneficiaram da minha existência. Este sentido demarca a diferença entre o ter vivido e o ter passado pela vida.

A generatividade implica a interacção e preocupação com os mais novos, contudo estes criam as oportunidades que ajudarão os adultos a desenvolver as suas competências e desejo de generatividade. Ser pai, por exemplo, é um dos processos generativos, é um processo longo com muitas oportunidades para erros e, felizmente com muitas oportunidades para os reparar. Ser pai implica viver de forma expectante, ao oferecer oportunidades de crescimento e desenvolvimento para os seus filhos e para o seu próprio crescimento, mas são os filhos que têm de descobrir o que, ainda, não foi revelado.

A generatividade é essencialmente uma relação diádica ou triádica implicando a relação entre o indivíduo generativo (ou o casal generativo) com o objecto de amor que serve como catalizador de criação e desenvolvimento de objectivos. Objectivos estes, que vão sendo reformulados e reconstruídos em função desta relação dinâmica entre os diferentes elementos.

A relação de intimidade funciona aqui como uma fusão de vozes na expansão de horizontes generativos expressos através da procura de sonhos e projectos em conjunto, através da partilha de objectivos de vida e de investimentos que consolidam o sentido de identidade e do *self*. Isto é, os indivíduos com um sentido de generatividade parecem desfrutar de relações de maior intimidade e associam ao papel parental mais benefícios do que custos (Oliveira & Costa, não publicado).

Mas para falar de generatividade é fundamental falarmos do seu desenvolvimento, e é evidente, como já foi referido, que este tem o seu início em tenra infância, e sendo as crianças o principal objecto de generatividade

dos adultos, estes funcionam como modelos integrados e interiorizados que servirão de guião para o desenvolvimento de novos adultos investidos na sua tarefa generativa. Aliás, basta observarmos muitas das brincadeiras das crianças quando fazem de conta, representando nos seus jogos diferentes papéis de adultos na sua tarefa de generatividade (o professor, o pai, a mãe...) e pensarmos que a construção de significados do amor, do trabalho e da criatividade acontecem ao longo do desenvolvimento humano, em que os adultos são mentores e modelos.

A interiorização desde criança, e a estruturação de diferentes mecanismos psicológicos e processos que são seleccionados para resolver questões específicas de adaptação têm em comum a integração do mundo exterior, adquirindo desta forma novas estruturas e competências que preparam o indivíduo para os papéis adultos e portanto para a generatividade. Cada processo de aprendizagem permite à criança um sentimento de satisfação, até que surge o momento do desejo de produzir alguma coisa como uma forma de externalização do *self*. Talvez a interiorização domine até à juventude tornando-se, nesta altura, maior a necessidade de exteriorização de elementos que validam a identidade.

É, pois, na juventude que a generatividade começa a emergir como um desejo explícito, mas é na idade adulta que surge como tarefa por excelência, através de sistemas de intencionalidade. Desta forma, parecem existir ao longo deste período, e a investigação tem confirmado, diferentes etapas para o desenvolvimento da generatividade na idade adulta (MacAdams, de St. Aubin & Logan, 1993; MacAdams, Hart & Maruna, 1998).

Assim, na juventude é esperado que o indivíduo crie objectivos e deseje a generatividade, para progressivamente tomar consciência das suas capacidades generativas e invista nos seus objectivos para, finalmente, viver um sentimento de satisfação em relação aos seus investimentos, um sentimento de eficácia e uma visão de si próprio como tendo contribuído, de forma positiva para si próprio e para os outros.

Isto é, o desejo e os objectivos de generatividade funcionam como elementos para

a construção da identidade e da intimidade e tal como acontece na construção destas tarefas, mais do que diferenças de género podemos falar de diferentes formas de lidar com este dilema, isto é, os domínios, os desejos, objectivos e, finalmente, os investimentos de generatividade, parecem ser influenciados pela idade e pelo género (Mc Adams, de St. Aubin e Logan, 1993; Stewart & Vandewater, 2002). Inicialmente as preocupações parecem ser mais de ordem social para progressivamente se dirigirem para questões de ordem interpessoal, sendo que, eventualmente, as mulheres tendam a procurar investimentos de ordem interpessoal mais cedo do que os homens. A estas diferenças não parecem ser indiferentes factores de ordem cultural e educacional, e mesmo de ordem fisiológica. Não podemos esquecer que, por exemplo, a mulher para quem eventualmente um dos seus objectivos de generatividade seja a maternidade, o seu relógio biológico obriga a que os seus investimentos no sentido da sua realização tomem uma premência que ao homem não se coloca, pelo menos de forma tão concludente.

Erikson (1985) acredita que a generatividade é o elemento central à volta do qual todos os outros estádios estão naturalmente e teleologicamente ordenados; isto é, todas as tarefas de desenvolvimento contribuem para a construção de um significado tornando a generatividade possível e, a integridade/isolamento, o último estágio do desenvolvimento psicossocial é essencialmente a reacção ao sucesso ou ao fracasso da vivência generativa.

Mas a importância da generatividade não se confina às questões de ordem psicológica; ela deriva, ainda, do seu papel na perpetuação de uma cultura. Cada geração, tendo recebido cuidados na sua infância, deverá ela própria, posteriormente, providenciar esses cuidados à próxima geração, e neste acto de continuidade cultural, a próxima geração detentora de competências emocionais, cognitivas e psicológicas, de uma infra-estrutura cultural e de símbolos será capaz de os legar de forma construtiva à geração seguinte.

Quando uma sociedade ou cultura não é capaz de oferecer guiões de vivência e convivência vai concertiza dificultar o desenvolvimento de uma confiança em si e nos outros,

bem como promover uma difusão de identidades na geração seguinte. De uma forma geral, os adultos tendem a fazer atribuições aos mais jovens da sua incapacidade de criar projectos e investimentos de vida, de não serem capazes de lidar com a frustração, de serem mais violentos, de não terem interesses construtivos, no entanto, esquecem-se que, provavelmente, foram eles adultos que falharam nas suas acções generativas. Os guiões fornecidos aos mais jovens são, frequentemente, assustadores, senão mesmo paradoxais, colocando os jovens perante um conflito entre a necessidade de viver o presente e a obrigação de investir de forma quase violenta num futuro ameaçador e cheio de incertezas e de competição.

O discurso explícito é de que a vida é difícil, exige luta, o implícito é a procura do prazer imediato, o consumismo; o explícito é percorrer as diferentes tarefas do ciclo de vida, namorar, ser autónomo, ter uma profissão constituir uma família, no entanto a imagem de fundo é o desemprego, o divórcio... Perante discursos contraditórios é natural que o adolescente abandone a exploração por medo de fazer investimentos e como forma de auto-protecção permaneça numa identidade difusa e receie compromissos e investimentos em relações de intimidade.

Perante isto como construirão os nossos jovens os seus sistemas de intencionalidade que lhe permitam a exteriorização do seu *self* em actividades generativas?

Enfim, a generatividade explica a existência continua das sociedades que funcionam como meio para as estruturas psicológicas e estas são legadas de geração em geração. A natureza cíclica do ciclo de vida deriva das relações que os indivíduos têm com as trajectórias de vida e desenvolvimentais das gerações precedentes e subsequentes. A passagem de receptor a activo provedor de cuidados é que constitui o ciclo. E porque a generatividade tem como função, mais do que a reprodução biológica e a satisfação dos cuidados primários, mas, acima de tudo, a função de impulsionar a criatividade artística e intelectual, a produtividade e acção para as mudanças sociais a longo prazo, ela tem implicações importantes no desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades.

O amor é o ingrediente necessário e fun-

damental para a transição entre o ser objecto de generatividade e o ser generativo. Isto implica um sentido de identificação com o outro, um sentido do *self* que reforça o *ego* e permite a descentração de si próprio, a energia e força para lidar com as dificuldades, condições necessárias à capacidade para cuidar e preocupar-se com os outros, bem como investimentos que transcendam as necessidades imediatas e narcísicas, uma dimensão ética, uma aceitação da complementaridade de papéis integrando as diferentes contribuições produtivas; e finalmente, um sentido de fidelidade a si próprio.

Assim, podemos dizer que a generatividade é um conceito complexo e multifacetado com implicações profundas no desenvolvimento psicológico do indivíduo, não podendo desligar-se da sua importância a nível social. Sendo assim, parece ser um conceito importante para os profissionais que intervêm para a promoção do desenvolvimento humano.

A Psicoterapia, como uma das formas possíveis de intervenção com este objectivo centra-se essencialmente na narrativa de vida do indivíduo e, nesta narrativa estão sempre presentes diferentes gerações; neste sentido, o conceito de generatividade parece ser enriquecedor do processo terapêutico, quer se trate de uma intervenção individual, quer de casal, quer mesmo familiar. É através do conceito de generatividade que melhor acedemos à compreensão da narrativa.

Quando o sentido de generatividade não é atingido, domina um sentido de estagnação, o indivíduo está centrado em si próprio, o que cria, necessariamente, dificuldades ao nível do provimento de cuidados aos mais novos no sentido de criar condições para o seu desenvolvimento. Por outro lado, ao nível das relações adultas a centração em si próprio dificulta a intimidade e é facilitador do distanciamento conjugal e intergeracional, gera um sentimento de insatisfação de vida, de baixa auto-estima, de conflitos intra e interpessoais ou mesmo depressão.

Embora as terapias familiares tenham introduzido conceitos intergeracionais como a diferenciação, triangulação, lealdades, legados, o conceito de generatividade e a intervenção no sentido da sua promoção, quer a nível

individual, quer de casal quer familiar tem sido negligenciado, com excepção de Boszormenyi-Nagy e colaboradores (1991) que, citando Erikson, apelam para a necessidade de o terapeuta familiar ter este conceito presente na sua intervenção.

Assim, podemos salientar como principais objectivos de intervenção, tendo como referência este conceito, o promover as relações desencorajando o individualismo, o promover a responsabilidade, desencorajando o hedonismo, o encorajar escolhas e objectivos, desencorajando o determinismo, o facilitar o crescimento desencorajando a categorização permanente, o facilitar a criatividade e produção de ideias, desencorajando a estagnação, o encorajar a cooperação, desencorajando a competição, o encorajar a solidariedade desencorajando o narcisismo.

Esta intervenção psicológica implica uma visão holística, em que o todo é mais importante que as partes, o indivíduo não pode ser compreendido sem a compreensão do todo, quer na sua geração quer através das gerações anteriores e seguintes. A maioria das características individuais não derivam apenas do que é inerente ao indivíduo mas como este se relaciona com os outros. É das nossas experiências relacionais que aprendemos sobre nós próprios e sobre o mundo, e é à luz destas experiências que podemos rever o nosso mundo interior, e consequentemente construirmos e reconstruirmos um sentido do *self* e do outro e do *self* em relação com o outro.

A perspectiva de generatividade não assume traços e características individuais ou familiares como estáveis, mas enfatiza que as vidas e as histórias que as pessoas contam de si próprias podem e mudam gradualmente e mesmo, dramaticamente. Por mudanças generativas entenda-se mudanças de atitudes, desejos, crenças, preocupações, investimentos, acções, pensamentos, hábitos, padrões estruturais e narrativas, nunca esquecendo que a vida não é estática e implica sucessivas adaptações e readaptações de significados.

Cada geração deve ser situada na sua era e cultura para ser devidamente compreendida, neste sentido, os significados de um fenómeno, como um sintoma, estão intrinsecamente ligados ao contexto proximal e distal e a uma

cultura. Estes significados não têm um estatuto universal nem são atemporais, estão empregnados da sua cultura e narrativa. Uma intervenção atemporal procura encontrar categorias universais e enquanto numa intervenção temporal o psicólogo está aberto à mudança, na medida em que contextos e situações podem gradualmente ou rapidamente serem alteradas.

Assim, o terapeuta generativo deverá facilitar o crescimento evitando categorizações permanentes para promover junto das famílias e dos indivíduos mudanças generativas. O sentido do dever é substituído pelo sentido do poder, potencializando, desta forma, as capacidades para fazer escolhas e investimentos generativos, tendo sempre presente que o indivíduo é o principal agente de mudança, com capacidades e forças para desenvolver relações construtivas, encorajando-o a construir ou reforçar convicções que transcendem o poder cultural de individualismo.

Em suma, o psicoterapeuta deverá ter como principal objetivo identificar com o seu cliente processos auto-determinativos e contextuais, facilitando, desta forma, aceder aos meta-significados, promovendo a construção de significados para a sua própria vida e para a vida em geral.

Como diria Platão a generatividade é uma gravidez da mente e, diria eu, como qualquer gravidez precisa de tempo de gestação e de cuidados específicos para que o resultado seja ele próprio gerador de criação. No entanto, a generatividade tem, também, um lado negro, porque ela envolve criação e a passagem do que é gerado e construído às gerações seguintes. Ora, a nossa história passada e presente fala-nos de líderes políticos que, viram e vêm os seus comportamentos e ideais como altamente generativos, como formas de mudar o mundo de acordo com os seus ideais. No entanto, os seus investimentos e ações promoveram e promovem a guerra, a discriminação, a desunião. Este sentido de generatividade é acrítico, inflexível, autoritário com um sentimento de tudo poderem fazer, até mesmo uma eugenia humana.

Apelando, mais uma vez, para a teoria de Erikson segundo a qual a resolução de cada tarefa de desenvolvimento psicossocial depende do equilíbrio dinâmico entre o polo negativo

e o positivo, poderíamos pensar que neste indivíduos este balanço dinâmico não acontece, não havendo a dose necessária de um sentido de estagnação, que permite aceder à crítica e ao sentido das limitações. Uma coisa é certa, o seu desejo de imortalidade, é conseguido, porque dificilmente se apagam da memória humana.

Bibliografia

- Boszormenyi-Nagy, I., Grunebaum, J., & Ulrich, D. (1991). Contextual therapy. In A.S. Gurman & D.P. Kniskern (Eds.), *Handbook of family therapy*, 1, (pp. 200-238). New York: Brunner/Mazel.
- Erikson, E.H. (1985). *The life cycle completed*. New York: Norton.
- Josselson, R. & Lieblich, A (Eds.) (1997). *The narrative study of lives*, 5, Newbury Park, CA: Sage.
- Maruna, S (1997). Going straight: Desistance from crime and life narratives of reform. In R. Josselson & A. Lieblich (Eds.), *The narrative study of lives*, 5, Newbury Park, CA: Sage.
- McAdams, D. P. & de St. Aubin, E. (1992). A theory of generativity and its assessment through self-report, behavioural acts, and narrative themes in autobiography. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62, 1003-1015.
- McAdams, D. P., de St. Aubin, E., & Logan, R. L. (1993). Generativity among young, midlife, and older adults. *Psychology and Aging*, 8, 221-230.
- Stewart, A. J., & Vandewater, E. A. (2002). The course of generativity. In D.P. McAdams & E. de St. Aubin (Eds.), *Generativity and adult development. How and why we care for the next generation*. Washington: American Psychological Association.
- Oliveira, J., & Costa, M.E (não publicado). *Satisfação parental, generatividade e intimidade*.

Abstract

M. Emilia Costa. Generativity: Issues in development and psychological intervention.

Cadernos de Consulta Psicológica 17/18, 2001/2002, 29-35. I am what survives from me, what I did, what I created, what I gave, transformed, I am finally the inheritance of my self that I leave to the youngest. This is how Erikson defines generativity. This developmental task seems to have relevant implications in the individual's psychological well-being, but also in the psychological development of following generations. However, only recently scientific literature has focused in this complex and multidimensional concept with profound consequences in psychological and social levels. The aim of this keynote is to reflect over the meanings, narratives, motivations and manifestations of generativity, as well as its development and implications in the individual, family, society, and culture, and, finally, its repercussions for psychological intervention.

Résumé

M. Emilia Costa. Générativité: Questions de

développement et d'intervention psychologique. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17/18, 2001/2002, 29-35. Je suis ce que de moi survivra, ce que j'ai fait, ce que j'ai créé, ce que j'ai donné, ce que j'ai transformé, je suis finalement l'héritage de mon self que je laisse aux plus jeunes. C'est ainsi qu'Erikson définit la générativité. Cette tâche de développement qui paraît avoir d'importantes implications autant pour le bien-être de l'individu que pour le développement psychologique des générations suivantes. Cependant, ce n'est que récemment que la littérature scientifique s'est penchée sur ce concept complexe aux multiples facettes dont les implications à niveau psychologique et social sont profondes. C'est pourquoi l'objectif de cette conférence est de réfléchir sur les significations, narratives, motivations et manifestations de la générativité, sur son développement et ses implications pour l'individu, la famille, la société et la culture et, finalement, sur ses implications pour l'intervention psychologique.